



800 ANOS DO MOVIMENTO FRANCISCANO

INTRODUÇÃO

Segundo uma tradição que remonta a Tomás de Celano, teria sido o dia 24 de fevereiro de 1208, festa de São Matias, quando Francisco ouviu na Porciúncula o Evangelho do envio dos apóstolos por Jesus (Mt 10,5-15; Mc 6,7-11; Lc 9,1-5). Ele, que até então, há anos, apenas vagava nas penumbras de uma difusa busca e que, até ali, sabia apenas o que não queria, agora, ao ouvir este Evangelho, se reconhece:

É isto que eu quero, é isto que eu procuro, é isto que eu desejo fazer do íntimo do coração.

A Família Franciscana – Primeira, Segunda e Terceira Ordem, em suas diversas e diferentes formas, os Institutos seculares e os outros movimentos que fazem referência a Francisco – celebram em 2008 e 2009 um particular acontecimento histórico. Faz oito séculos que um grupo de doze homens, em 1209, se apresentou ao Papa Inocêncio III para pedir-lhe que reconhecesse e aprovasse seu projeto de vida evangélica. Uns vinte anos mais tarde (1226), o inspirador e guia desse grupo, Francisco de Assis, assim descreveu em seu Testamento o que então acontecera:

E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou o que deveria fazer, mas o Altíssimo mesmo me revelou que eu deveria viver segundo a forma do santo Evangelho. E eu o fiz escrever em poucas palavras e de modo simples, e o senhor papa mo confirmou (Test 14).

Ao recordar e celebrar fatos desta natureza, transpomos agora o tempo e as mediações da distância, porque naquele certo dia do passado, irrompeu para dentro da história o carisma franciscano, que importa ser acolhido como uma inspiração sagrada, em todos os tempos, para sempre, por todos aqueles e aquelas que dele se recordam.

(1) O ITINERÁRIO HUMANO-RELIGIOSO DE FRANCISCO

As experiências de vida que foram 'lapidando' a personalidade do homem e do santo: em cada situação e tempo; o confronto com as alternativas de vida e as suas opções fundamentais:

O 'mercador' – Os negócios do pai/comércio (o ter) e a sensibilidade da mãe (o ser): cabeça x coração, razão x sentimento.

O 'rei' – Seu papel entre os jovens de Assis: seresteiro, 'festeiro', boêmio, esbanjador e extravagante; o vazio.

O 'cavaleiro' – O desejo da nobreza; a bravura pessoal; as duas guerras (Perusa e Spoleto); a prisão e o sonho (o senhor e o vassalo).

O 'enfermo' – Depois da prisão, a doença; experimenta o 'nada'; a busca de um sentido.

O 'orante' – Após a doença, busca a solidão, a mudança dos 'olhos'; foge para fora da cidade, campos e as igrejas em ruínas.

O 'pobre' – Na crise, começa a perceber a injustiça e a exclusão na sociedade (nobres, pobres, miseráveis). O ensaio de ser 'mendigo anônimo' em Roma.

A vocação – Dois fatos: o encontro com o leproso e com o Crucificado em São Damião.

O 'pedreiro' – A interpretação literal das palavras 'Restaura minha casa!' Nas ruas de Assis esmola pedra, cal em troca da benção.. Restaura outras três igrejas.

O ser 'ninguém' – A hora da ruptura: a renúncia dos bens e do 'nome'; a nova criatura!

O 'penitente' – A troca da veste e a vida de penitência; vida simples e pobre de conversão para o Evangelho: 'É isso que eu quero, é isso que eu procuro, é isso que eu desejo de todo o coração'; vida apostólica e itinerante.

A fraternidade – Os antigos amigos entram em 'crise'; e 'o Senhor me deu irmãos'; a 'marca registrada' de Francisco e dos seus irmãos; Clara, Leão, Luquésio e Buona Donna, Jacoba...

A centralidade de Cristo – a revelação de Cristo na cruz, na Palavra, na encarnação/Natal (o presépio); no pobre, no irmãos(ãs); na eucaristia; nas igrejas e na Igreja; nas criaturas/natureza; na dor, no sofrimento e na morte; o seguimento, o encantamento e a identificação com Cristo.

O **'Crucificado'** – a lembrança da 'paixão'; o desejo da configuração (a mesma dor e o mesmo amor); 'Os estigmas fulgiam exteriormente em sua carne, porque levava a cruz enraizada em seu coração'(2Cel 211); a 'perfeita alegria'.

O **'peregrino pascal'** - A enfermidade; o lava-pés e a ceia; a cegueira e o Cântico das Criaturas; a 'irmã morte'; a verdadeira liberdade de acolher e integrar o negativo da vida.

(2) A ESPIRITUALIDADE FRANCISCANA - VALORES

Da vida e do modo de ser de São Francisco nasceu uma inspiração de vida, um caminho. A espiritualidade franciscana é fundamentalmente **seguimento** do Cristo pobre, humilde e crucificado. E o seguimento torna-se um **encantamento**, que por sua vez leva à **configuração** com o Cristo. Algumas características desta espiritualidade:

1. Espiritualidade evangélica

'A vida e a regra' franciscana é o próprio evangelho; vida de conversão para o evangelho.

2. Vida em fraternidade

'Deus me deu irmãos' – a fraternidade, entre irmãos e irmãs, que Deus nos deu, com todas as pessoas e com todas as criaturas.

3. Espiritualidade trinitária

Deus é o Sumo Bem; o Filho nosso irmão; o Espírito do Senhor e o seu santo modo de operar. Maria, o modelo: filha, mãe e esposa.

4. Sem nada de próprio

Seguir o Cristo pobre é a condição do nosso caminho. Livre para amar e servir, retirando tudo o que se interpõe entre as pessoas. O modelo é a encarnação do Verbo.

5. A minoridade

'Servo de toda humana criatura'; o serviço do lava-pés; a 'autoridade' evangélica.

6. A espiritualidade do trabalho

A 'graça' de trabalhar; trabalhar com as 'próprias mãos'; constrói a fraternidade; trabalhar como menores; trabalhar com 'devoção'; afugenta o ócio, inimigo da alma.

7. A contemplação franciscana

O espírito de oração e devoção que abrange toda a vida e a vida toda; rezar sempre e rezar a vida; rezar no mundo e no conflito; a mediação das criaturas. O eremitério e a solidão.

8. A evangelização franciscana

Evangelizar e deixar-se evangelizar; o 'evangelho vivo' do seguimento; é dom da vocação que se prolonga em missão; a fraternidade é o 'coração' da evangelização.

9. Espiritualidade eclesial e católica

A fraternidade vivida no seio da Igreja; é célula eclesial, integrada nos serviços e nos ministérios da Igreja. Católico: experimentar Deus e a sua graça em todo tempo e lugar.

10. A perfeita e verdadeira alegria

Acolher, integrar e transformar o 'negativo' da vida. A cruz, fonte da verdadeira alegria.

(3) INSPIRAÇÕES PARA O AMANHÃ

Os tempos, hoje, são outros. As dores do mundo e de suas criaturas são outras. Os apelos são outros. As exigências são outras. Os cuidados hão de ser também outros. É impossível viver o carisma reproduzindo ao pé da letra o que Francisco e Clara, ou a primeira fraternidade franciscana viveram. O que se pede de nós é uma **fidelidade criativa** ao carisma, confiantes de que o Espírito Santo que os conduziu então, também nos conduzirá agora, nesta nova etapa do caminho, inspirando-nos um jeito próprio de ser em nosso tempo e em nosso mundo. Deus continua olhando para a terra e lhe dando sua graça; o mundo atual, que é templo de sua presença, continua emitindo sinais e apontando urgências; cabe à sensibilidade de nossas vidas decidir se aceita ou não participar nesta aventura. Aventura do Espírito com suas criaturas livres. O carisma franciscano continua fonte de inspirações. Entre elas:

1. A referência a Deus, o Sumo Bem

O que hoje mais nos interpela no projeto de Francisco - contanto que não paremos na superfície - é que estamos diante de um projeto cristão que nos convida a viver a fundo a experiência da fé em Deus e em Jesus Cristo... Em todo caso, está claro que para Francisco esse era o centro absoluto da vida que quis viver com os irmãos. Sedento e faminto, o mundo busca pessoas que sejam referenciais desse absoluto, que desvelem o sentido de sua própria vida, que lhes indiquem a fonte e lhes apontem o onde ver a face e encontrar a proximidade de Deus. Só aquele que vive de Deus pode ser seu sacramento no mundo.

2. A proximidade e fraternidade

O modo de ser de Francisco e Clara, bem como de seus respectivos grupos, gerou, historicamente, algumas marcas distintivas da fraternidade franciscana. São acentos que qualificam, de geração em geração, o ser e o agir dos integrantes dessa família, forjando uma quase arquetípica franciscana (originalidade) de gestos, atitudes, símbolos, habitação, igreja, pastoral. Uma dessas marcas originárias é o fato de nos termos como irmãos e irmãs, entre nós e com todos. É a conseqüência mais imediata da experiência de Deus, como o único Pai e Mãe de todas as criaturas.

Outra marca dos irmãos e irmãs de Francisco sempre foi sua proximidade junto ao mundo e aos seres humanos, sobremaneira

junto aos pobres. Esta proximidade é, dentre tudo aquilo que os irmãos e irmãs podem ser e fazer frente aos graves desafios de nosso tempo, a condição de possibilidade de todas as outras possíveis atividades concretas.

Uma das marcas da vida de Francisco e dos irmãos e irmãs da primeira hora foi, igualmente, a simplicidade da imediatez e da improvisação. Por estarmos junto à vida e às pessoas, sempre foi próprio dos irmãos e irmãs de Francisco e Clara a flexibilidade, a imediatez e a improvisação criativa no socorro à vida, os métodos simples, que existem e devem existir apenas para operacionalizar o espírito de fraternidade e solidariedade.

3. O cuidado e a compaixão

Não é possível ocupar-se com Francisco e Clara de Assis sem perceber seu extremo cuidado e compaixão para com todos, especialmente os que tem suas vidas mais expostas e fragilizadas, a começar pelos leprosos, os excluídos. O encontro de Francisco com os leprosos divide sua vida em um antes e um depois: é sua conversão. Passa a cuidar deles como se fossem o corpo de Cristo. Mas sua compaixão se expande. Verga-se, em sincera reverência, na direção das mais insignificantes criaturas, quer conversar com elas, falar-lhes, em cortesia, de sua gratidão por te-las a seu lado, quer protegê-las. Tais gestos não são legendas folclóricas, mas revelam um modo de ser homem, sem o qual o mundo, mais e mais, perderá o fôlego e, por fim, a esperança, não restando senão relações frias em que todos são de todos apenas usuários e, entre si, ferozes concorrentes.

4. O sentir-se bem entre os pequenos

Francisco – bem depressa seguido por Clara – abdica de todo poder, prestígio, ambições para escolher o caminho que desce socialmente. Sai de Assis e vai para a periferia, em sinal de seu desacordo com o sistema e em resposta ao amor do Filho de Deus que se esvazia de sua divindade para tornar-se pobre, servidor dos humildes e morrendo numa cruz, fora da cidade. Isto faz parte de sua descoberta de Deus: um Deus humilde, espelhado nos humildes da terra. Francisco nos faz entender que o que salva o mundo não é o poder, mas o amor que se despoja e se volta ao serviço das pessoas, estabelecendo com elas relações pessoais afetivas, não meramente ideológicas.

5. O ecumenismo e o diálogo em todas as direções

Francisco desempenha hoje um papel invejável nos encontros ecumênicos e inter-religiosos, pois recebe comum aceitação e respeito, não só por católicos mas de quantos acreditam nos valores humanos e na vida.

É que ele não traz a marca da polêmica, mas da simpatia; não combate heresias, a não ser com o exemplo; valoriza a escuta mais do que fala; e, no dizer de N. Kazantzakis, escuta a música dos pássaros, mas também lhe interpreta a letra.

CONCLUSÃO - Andar por outras trilhas

6

E, exatamente hoje e aqui, sob o império da mais-valia, do desejo de lucro, do consumismo, quando de forma avassaladora a antropofagia, na sua face mais cínica – a indiferença para com as criaturas, a exclusão dos pequenos, o aburguesamento, a voracidade insaciável de sempre-mais-ter, – parece não reter seus passos nem mesmo no espaço religioso e eclesial, exatamente aqui, interpelam-nos Francisco e Clara a andarmos por outras trilhas. Sim, a vivermos alternativas comprovadamente viáveis (eles e não poucos de seus irmãos e irmãs as viveram), inconformes com a ordem estabelecida, já exausta e incapaz de responder às questões graves que, há mais de século, se arrastam à nossa frente.

Interpelam-nos a não esquecermos a partilha do pouco que somos e temos, a solidariedade dos pequenos gestos, que – se não são suficientes para afrontar a frieza do mundo e os abusos contra as criaturas, nem para debelar a complexidade das dessimetrias sociais e econômicas, a miséria das majorias e a violência das guerras, declaradas ou não – pelo menos poderão levar o conforto de uma presença e um raio de esperança aos humildes: a esperança de que, as trevas não haverão de ser tão escuras, que os últimos não encontrem um fio de luz na noite de seus sofrimentos.

Reviver o sonho...

Ao celebrarmos 800 anos do Carisma Franciscano temos a ocasião de reacender em nós a chama do carisma, sopro do Espírito, que um dia irrompeu em Francisco e Clara suscitando em torno deles a numerosa família de irmãos e irmãs, à qual temos a graça de pertencer. E que assim possamos reviver o sonho de Francisco e Clara: sermos presenças evangélicas, fraternas, densamente humanas, que procuram recriar uma história parecida com a que eles viveram nos distantes primórdios. E isto, por estarmos, eles e nós, animados do mesmo Espírito e seguindo os passos do mesmo Jesus Cristo, humilde e servidor.

NOTA – esse texto é uma compilação e síntese de três fontes de referência:

1. Reviver o sonho de Francisco e Clara de Assis no chão da América Latina e Caribe, FFB, Brasília, 2008 (Introdução; Inspirações para o amanhã e Conclusão).
2. Frei Egberto Prangenberg, ofm, “Francisco entre os seculares – tópicos histórico-sociais”, ed.particular, Rio de Janeiro, 1996, p.11-21 (l. O itinerário humano-religioso de Francisco).
3. Frei Regis Daher, ofm, anotações pessoais (2. A espiritualidade franciscana – valores) e síntese geral, 2008.